



PROFESSORES: Rafael Antônio Kapron; Vinicius Bertolo

DISCIPLINA: História, Área: Ciências Humanas

Série: 3º ano: Turmas A, B, C, D, E, F, G.

Junho de 2020/1.

Atividades da Disciplina (Aulas Programadas): Período de suspensão das aulas presenciais no Colégio. Aos Estudantes: Leitura e o Estudo:

HOBSBAWM, Eric J.. **A era do capital, 1848-1875**. 13. ed. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 2007. Introdução: p. 19-24:

“Na década de 1860, uma nova palavra entrou no vocabulário econômico e político do mundo: ‘capitalismo’. Portanto parece apropriado chamar o presente volume ‘A era do capital’, um título que também faz lembrar a todos nós que a mais importante obra do mais formidável crítico do capitalismo, ‘O capital’, de Karl Marx (1867) foi publicada nessa época. O triunfo global do capitalismo é o tema mais importante da história nas décadas que se sucederam a 1848. Foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender no mais caro. Uma economia assim baseada e, portanto, repousando naturalmente nas sólidas fundações de uma burguesia composta daqueles cuja energia, mérito e inteligência os elevou a tal posição, deveria – assim se acreditava – não somente criar um mundo de plena distribuição material mas também de crescente esclarecimento, razão e oportunidade humana, de avanço das ciências e das artes, em suma, um mundo de contínuo progresso material e moral. Os poucos obstáculos ainda remanescentes no caminho do livre desenvolvimento da economia privada seriam levados de roldão. As instituições do mundo, ou mais precisamente daquelas partes do mundo ainda não excluídas pela tirania das tradições e superstições, ou pelo infortúnio de não possuírem pele branca (preferivelmente originária da Europa Central ou do Norte), gradualmente se aproximariam do modelo internacional de um ‘Estado-nação’ definido territorialmente, com uma Constituição garantindo a propriedade e os direitos civis, assembleias representativas e governos eleitos responsáveis por elas e, quando possível, uma participação do povo comum na política dentro de limites tais que garantissem a ordem social burguesa e evitassem o risco de ela ser derrubada.

Traçar o desenvolvimento inicial dessa sociedade não é a tarefa deste livro. É suficiente lembrar que essa sociedade já havia completado seu aparecimento histórico tanto na frente econômica como na frente político-ideológica sessenta anos antes de 1848. Os anos de 1789 a 1848 (...) foram dominados por uma dupla revolução: a transformação industrial, iniciada e largamente confinada à Inglaterra, e a transformação política, associada e largamente confinada à França. Ambas implicaram o triunfo de uma nova sociedade, mas se ela deveria ser a sociedade do capitalismo liberal triunfante ou aquilo que um historiador francês chamou ‘os burgueses conquistadores’, parecia ainda mais incerto para os contemporâneos do que parece para nós. Atrás dos ideólogos políticos burgueses estavam as massas, prontas para transformar revoluções moderadamente liberais em revoluções sociais. Por baixo e em volta dos empresários capitalistas, os ‘trabalhadores pobres’, descontentes e sem lugar, agitavam-se e insurgiam-se. As décadas de 1830 e 1840 foram uma era de crises, cujo resultado apenas os otimistas ousavam prever.

Ainda assim o dualismo da revolução de 1789 a 1848 dá à história desse período unidade e simetria. É fácil, em certo sentido, ler e escrever sobre este assunto, pois parece possuir tema e forma claros, assim como seus limites cronológicos parecem tão precisamente definidos quanto é possível no que diz respeito a assuntos humanos. Com a revolução de 1848, que é o ponto de partida deste volume, a antiga simetria quebrou-se, a forma modificou-se. A revolução política recuou, a revolução industrial avançou. Mil oitocentos e quarenta e oito, a famosa ‘primavera dos povos’, foi a primeira e última revolução européia no sentido (quase) literal, a realização momentânea dos sonhos da esquerda, dos pesadelos da direita, a derrubada virtualmente simultânea de velhos regimes da Europa continental a oeste dos impérios russo e turco, de Copenhague a Palermo, de Brasov a Barcelona. Ela fora esperada e prevista. Parecia ser o ponto culminante e o produto lógico da era das duas revoluções.

Ela falhou, universalmente, rapidamente e – apesar de isso não ter sido percebido durante muitos anos pelos refugiados políticos – definitivamente. Desde então, não iria mais ocorrer nenhuma revolução social geral do tipo buscado antes de 1848 nos países ‘avançados’ do mundo. O centro de gravidade desses movimentos revolucionários sociais e, portanto, dos regimes socialistas e comunistas do século XX seria em regiões marginais e atrasadas, embora no período que este livro abrange os movimentos deste tipo iriam permanecer episódicos, arcaicos e ‘subdesenvolvidos’. A súbita, vasta e aparentemente ilimitada expansão da economia

capitalista mundial forneceu alternativas políticas em países ‘avançados’. A revolução industrial (inglesa) havia engolido a revolução política (francesa).

A história de nosso período é, portanto, desigual. Ela é basicamente a do maciço avanço da economia do capitalismo industrial em escala mundial, da ordem social que ele representou, das ideias e credos que pereciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, ciência, progresso e liberalismo. É a era da burguesia triunfante, embora a burguesia européia ainda hesitasse em assumir uma ordem política pública. Para isso – e talvez apenas para isso – a era das revoluções ainda não havia terminado. As classes médias da Europa estavam assustadas e permaneceram assustadas com o povo: a ‘democracia’ ainda era vista como o prelúdio rápido e certo para o ‘socialismo’. Os homens que oficialmente presidiam os interesses da vitoriosa ordem burguesa no seu momento de triunfo eram os profundamente reacionários nobres do campo da Prússia, um falso imperador na França e uma sucessão de aristocratas proprietários de terra na Inglaterra. (...) Já nesse tempo, os dirigentes dos Estados avançados da Europa, com maior ou menor relutância, começavam a reconhecer não apenas que a ‘democracia’, isto é, uma constituição parlamentar baseada em sufrágio universal, era inevitável, como também provavelmente viria a ser um aborrecimento, mas politicamente inofensivo. Essa descoberta já havia sido feita muito antes pelos dirigentes dos Estados Unidos.

Os anos de 1848 até meados da década de 1870 não foram, portanto, um período capaz de inspirar leitores que apreciam o espetáculo de um drama com heróis no sentido convencional. Suas guerras – e esse período viu consideravelmente mais operações militares que os trinta anos precedentes e os quarenta subseqüentes – eram operações decididas por superioridade organizacional ou tecnológica, como a maioria das campanhas européias no exterior e as guerras rápidas e decisivas através das quais o Império Alemão se estabeleceu entre 1864 e 1871; ou então massacres mal conduzidos, como a Guerra da Criméia entre 1854 e 1856, nos quais mesmo o patriotismo dos países beligerantes recusou demorar-se. A maior das guerras desse período, a Guerra Civil Americana, foi ganha, em última análise, pelo peso do poder econômico e dos recursos superiores. (...) No início da década de 1870, a expansão econômica e o liberalismo pareciam irresistíveis. No fim da mesma década, já não o eram mais.

Esse marco divisório define o fim da era que este livro aborda. Diferente da revolução de 1848, que forma seu ponto de partida, esse final não é marcado por nenhuma data universal e conveniente. Se alguma data fosse escolhida, essa data seria 1873, o equivalente vitoriano à quebra de Wall Street em 1929.”

Responder as questões:

1- Em considerar este trecho do livro “A era do capital” e a atividade anterior (trecho do livro “A Era das revoluções: Europa 1789 – 1848”): Que diferencial entre os assuntos pode ser identificado?

2- O texto aborda aspectos da sociedade capitalista, em específico a Europa, sendo assim, escrever algumas diferenças desta sociedade em relação a que a antecedeu: a sociedade feudal:

3- Frases: “Foi o triunfo de uma sociedade que acreditou que o crescimento econômico repousava na competição da livre iniciativa privada, no sucesso de comprar tudo no mercado mais barato (inclusive trabalho) e vender no mais caro”. O conteúdo da frase tem validade para o século XXI? Qual o porquê da resposta?

“Atrás dos ideólogos políticos burgueses estavam as massas, prontas para transformar revoluções moderadamente liberais em revoluções sociais”. Explicar seu conteúdo?

4- De acordo com o texto, qual é o significado de *progresso*?

5- Qual o sentido atribuído para *países avançados*?

6- Qual o sentido atribuído para *democracia*?

7- O que é *Estado-nação*?

8- No texto estão mencionados nomes de regiões, países e cidades. Pesquisar em mapa da Europa com o objetivo de localizar esses lugares e formar uma compreensão da divisão política da Europa, inclusive, desenvolver comparativo de como era esta divisão política no século XIX e como está no século XXI.

Atenção: Se o estudo for realizado com consultas em outras fontes:

Livro: indicar Autoria, Título, Ano de publicação, Páginas;

Internet: Identificar o nome do Portal ou Sítio, Endereço do Portal, Título do texto pesquisado, Data de pesquisa.

(Ter capacidade de explicar os procedimentos de pesquisa).